

Hans Christian Andersen
Oscar Wilde
Beatrix Potter

soltoando a imaginação
lendas e contos
infantis

Organização
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO
MARLENE HOLZHAUSEN



SOLTANDO A
IMAGINAÇÃO:
LENDAS E CONTOS
INFANTIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

João Carlos Salles Pires da Silva

Vice-Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Assessor do Reitor

Paulo Costa Lima



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Niño El Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria do Carmo Soares Freitas

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Patrocínio:

Desenbahia

Agência de Fomento do
Estado da Bahia S.A.



Apoio:



Hans Christian Andersen
Oscar Wilde

*soltando a imaginação:
lendas e contos
infantis*

Organização
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO
MARLENE HOLZHAUSEN

Salvador | Edufba | 2015

Tradução de “O Linho”, “The flax”, de Hans Christian Andersen; obra em domínio público. Tradução de “O porcofritinho”, “The money pig”, de Hans Christian Andersen; obra em domínio público. Tradução de “O pião e a bola”, “The top and the ball”, de Hans Christian Andersen; obra em domínio público. Tradução de “Peter Coelho”, “The tale of Peter Rabbit”, de Beatrix Potter; obra em domínio público. Tradução de “A história de dois ratinhos travessos”, “The tale of two bad mice”, de Beatrix Potter; obra em domínio público. Tradução de “O gigante egoísta”, “The selfish giant”, de Oscar Wilde; obra em domínio público. Tradução de “Askeladden e o Troll que comeu demais”, “Boots who ate a match with the troll”; obra em domínio público. Tradução de “Em busca da galinha perdida”, “Your Hen is in the Mountain”; obra em domínio público. Tradução de “Sobre o que escrever?”, “Something to write about”, de Hans Christian Andersen; obra em domínio público. A edição em língua portuguesa é publicada pela Editora da Universidade Federal da Bahia, 2015. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma e por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de recuperação de armazenagem de informação sem a permissão da Editora da Universidade Federal da Bahia.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico

Alana Gonçalves de Carvalho Martins

Capa e editoração

Ruan Santos

Revisão

Magel Castilho de Carvalho

Sistema de Bibliotecas - UFBA

Soltando a imaginação: lendas e contos infantis / organização Sílvia Maria Guerra Anastácio, Marlene Holzhausen. - Salvador: EDUFBA, 2015 .
99 p. : + 1 CD-ROM.

Audiolivro acessível em diversos formatos: versão interpretada por atores e outra em MECDaisy, para pessoas com deficiência visual.

ISBN 978-85-232-1312-1

1. Contos ingleses. 2. Contos dinamarqueses. I. Anastácio, Sílvia Maria Guerra II. Holzhausen, Marlene.

CDD - 823

CDD - 839.813

Editora filiada à



Edufba

Rua Barão de Jeremoabo, s/n - Campus de Ondina
40170-115 - Salvador - Bahia

Tel.: +55 71 3283-6164 | Fax: +55 71 3283-6160
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

Apresentação

O audiolivro *Soltando a imaginação: lendas e contos infantis* contém nove lendas e contos voltados para o público infantil, que foram traduzidos do inglês para o português e, posteriormente, adaptados para audiolivro. As histórias selecionadas são as seguintes: contos de Hans Christian Andersen: “O linho”, “O porcofrinho”, “O pião e a bola”, “Sobre o que escrever?”; um conto de Oscar Wilde: “O gigante egoísta”; dois contos de Beatrix Potter: “A história de Peter Coelho”, e “A história de dois ratinhos travessos”; e duas lendas de autoria desconhecida: “Askeladden e o Troll que comeu demais”, e “Em busca da galinha Perdida”. Os contos foram traduzidos por pesquisadores do Grupo de Pesquisa Tradução, Processos de Criação e Mídias Sonoras (PRO.SOM), coordenado pela Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Guerra Anastácio e tendo como vice-coordenadora a Prof.^a Dr.^a Marlene Holzhausen, organizadoras deste audiolivro.

O Projeto tem como objetivo enriquecer o mercado de mídias sonoras com audiolivros produzidos a partir da publicação de obras literárias traduzidas para o português. Este audiolivro encontra-se acessível em diversos formatos: além da versão impressa, contém também uma versão interpretada por atores e outra em MECDaisy, uma leitura “branca” preparada especialmente para os deficientes visuais.

O linho

Tradução do conto *The flax*
De Hans Christian Andersen

Tradução

Saryne Cruz, Ana Lopes
e Patricia Freitas

Revisão

Sílvia Maria Guerra Anastácio

Personagens

Narrador, Linho, Estacas da cerca,
Tecido de linho, Papel, Crianças,
Faíscas

Local

Floresta, Paróquia, Gráfica, Casa

O linho

Narrador: *O linho estava em flor. Com as mais lindas flores azuis, tão suaves e delicadas quanto asas de uma borboleta; quem sabe até mais. O sol brilhava sobre o linho e as nuvens de chuva o banhavam; era tão bom para ele quanto para as crianças pequenas serem banhadas e depois ganharem um beijo da mamãe. Elas se sentem muito melhor depois, não é verdade? E assim também se sentia o linho.*

Linho: Dizem que estou me saindo muito bem. Que estou ficando cada vez mais alto e belo. De mim vão tirar um bom corte de tecido. Eu sou muito sortudo! Devo ser o mais sortudo de todos os linhos! Sou tão sortudo que sei que posso ir longe na vida. O sol me dá força e como gosto do frescor da chuva! Sim, sou o mais sortudo. Sou o mais sortudo de todos.

Narrador: *Mas as estacas da cerca não pensavam bem assim.*

Estacas da cerca: Ora, ora, ora. Você não sabe nada da vida, mas nós sabemos. Temos até cicatrizes para comprovar.

Efeito sonoro: *Cric, crec, crac (som de madeira rangendo).*

Estacas da cerca: Pim, pam, pum, a canção acabou!

Linho: Não, ela não acabou. O sol vai brilhar amanhã; a chuva é tão refrescante. Posso ver que estou crescendo; posso sentir que estou florindo. Sim, sou o mais sortudo de todos.

Narrador: *Até que um dia, o linho foi arrancado com raiz e tudo – e doeu muito. E ele foi deixado na água, como se quisessem afogá-lo, e depois levado ao fogo, como se quisessem cozinhá-lo. Foi terrível!*

Linho: Não dá pra estar sempre por cima; é melhor analisar as coisas antes de julgá-las.

Narrador: *E as coisas não poderiam ir de mal a pior. O linho foi machucado, quebrado, queimado, retalhado e sabe lá Deus mais o quê. Foi colocado em uma roda de fiar. Era impossível organizar os pensamentos, sendo jogado de lá para cá.*

Linho: Tenho sido sortudo demais. É preciso ser grato por tudo de bom que se tem na vida. Ser grato... Ah, ser grato.

Narrador: *E então ele se transformou em um grande e esplêndido corte de tecido. O linho inteiro, cada pedacinho dele transformou-se num só corte de tecido.*

Linho: Ah, nunca pensei que algo assim pudesse acontecer comigo. Com certeza, a sorte está do meu lado. E aquelas estacas de cerca diziam que sabiam de tudo. Não. É verdade que tive momentos difíceis, mas tirei algo de bom de tudo isso: sou o mais sortudo de todos. Sou tão forte e suave, tão alvo e tão grande. Não é que até mesmo a esposa do pastor falou de mim? Disse que eu sou o melhor corte de tecido da paróquia! Não posso ser mais sortudo do que sou.

Narrador: *E então o linho foi levado para dentro da casa e caiu na tesoura. Foi cortado, recortado e espetado por agulhas.*

Linho: Ah, que tortura! Não foi nada divertido.

Narrador: *Então, o linho foi transformado em doze daquelas coisas... Aquelas coisas sobre o que*

as pessoas não falam muito, mas que são usadas por todos – sim, uma dúzia inteirinha delas.

Linho: Ah, olha só isso! Pelo menos, me tornei alguma coisa importante. É o meu destino... Ah, é tão maravilhoso! Agora serei útil para o mundo e é assim que tem que ser; é o prazer do dever cumprido. Fomos transformados em doze peças de roupa; e ainda assim, todas nós formamos uma coisa só, formamos uma dúzia. Que sorte, que maravilha!

Narrador: *Os anos se passaram – e a última das peças se transformou em farrapos.*

Tecido de linho: Um dia, tudo tem um fim. Eu gostaria de ter durado um pouco mais, mas não adianta querer o impossível.

Narrador: *Foram transformadas em trapos e retalhos, aí, acharam que tudo tinha terminado, mas então, foram rasgadas, esmagadas, fervidas e sabe-se lá mais o quê – e lá estavam elas, transformadas no mais delicado papel branco!*

Papel: Ora, que surpresa! – que surpresa maravilhosa! Agora estou melhor do que nunca, agora vão escrever em mim. Não há limites para o que podem escrever em mim. É uma sorte que eu não esperava.

Narrador: *E nele foram escritas as mais encantadoras histórias que as pessoas liam. Boas histórias que tornavam os homens melhores e mais sábios. As palavras colocadas no papel foram uma bênção para muitos.*

Papel: É muito mais do que eu sonhei quando era uma florzinha azul no campo. Como eu poderia imaginar que um dia levaria tanto conhecimento e tanta alegria para a humanidade. Eu ainda não consigo entender. Vejam só! Realmente aconteceu! Só Deus sabe que a única coisa que eu fiz foi existir.

Ainda assim, suportei tudo para a felicidade de uns e para a glória de outros. Toda vez que penso a canção acabou, simplesmente acontece algo maior e muito melhor. Tenho certeza de que agora vou viajar, que serei mandado para todos os cantos do mundo para que toda a humanidade possa ler o que está em mim. Eu tinha apenas uma flor azul e agora tenho as mais maravilhosas ideias do mundo. Eu sou o mais sortudo de todos!

Narrador: *O papel não seguiu viagem. Foi mandado para a gráfica e transformado em livro; na verdade, em milhares de livros, pois dessa maneira, muito mais pessoas poderiam se beneficiar dele do que se fosse só um papel escrito viajando pelo mundo,*

e que, quando chegasse no meio do caminho, já estaria gasto.

Papel: Sim. No final das contas, é o melhor que poderia ter me acontecido. Devo ficar em casa e ser respeitado como nosso vovô. Foi em mim que escreveram; foi para mim que as palavras fluíram diretamente da caneta. Fico aqui enquanto os livros viajam pelo mundo. Agora tenho a chance de fazer alguma coisa mais importante. Ah, estou tão feliz, sou tão sortudo!

Narrador: *O papel foi então amarrado, empacotado e deixado em uma prateleira.*

Papel: O repouso é doce depois que o trabalho foi feito. É bem verdade que devemos nos aceitar como somos e pensar seriamente no que somos. Só agora é que realmente consigo me entender. ‘Conhece-te a ti mesmo’ – é o verdadeiro passo para o autoconhecimento. O que vai acontecer depois, eu me pergunto? Algum outro tipo de progresso? Sempre em frente!

Narrador: *O papel foi colocado no fogo para ser queimado, já que não poderia ser vendido na mercearia para embrulhar manteiga e açúcar.*

Foi então que todas as crianças da casa ficaram à sua volta para vê-lo queimar; elas queriam ver

as chamas soltarem todas aquelas faíscas vermelhas, que pareciam rodopiar no ar antes de sumirem, uma após a outra, tão rápido. Eram como crianças correndo da escola e a última de todas as faíscas era o diretor. Às vezes, parece que ele já foi embora; mas aí, lá vem ele, um pouco depois de todos os outros. Todos os papéis estavam em um maço no fogo.

A chama ardia mais alto, no ar, mais alto do que o linho havia sido capaz de erguer a sua florzinha azul, e brilhava mais do que fora capaz de brilhar; todas as letras que estavam escritas nele ficaram completamente vermelhas em instantes; e as palavras e os pensamentos subiram em labaredas.

Papel: Agora, alcançarei o sol.

Narrador: Foi o grito vindo da chama, como se milhares de vozes gritassem ao mesmo tempo. Então, a chama saiu pela chaminé... E, mais delicados do que a chama, completamente invisíveis a olho nu, pairavam no ar seres minúsculos, tantos seres quantas tinham sido as flores do linho. Eram ainda mais leves do que a chama de onde vieram e quando a chama se foi, tudo o que restou do papel foram as cinzas escuras.

Os pequenos seres dançavam ao redor das cinzas e toda vez que as tocavam, era possível ver suas

pegadas. As faíscas vermelhas eram como crianças correndo da escola. A última de todas as faíscas era o diretor. E que divertido observar tudo aquilo: as crianças da casa cantando sobre as cinzas.

Crianças: Pim pam pum a canção acabou!

Narrador: *Mas as faíscas diziam:*

Faíscas: Não, não, a música nunca acaba! E é o mais fascinante de tudo. Eu sei e é por isso que sou o mais sortudo de todos.

Narrador: *As crianças não poderiam entender, talvez nem mesmo conseguissem ouvir as faíscas. Na verdade, nem deveriam, pois as crianças não precisam saber de tudo.*

O porcofrinho

Tradução do conto *The money pig*

De Hans Christian Andersen

Tradução e adaptação

Flávio Ferrari e Cristiano Santos

Revisão

Sílvia Maria Guerra Anastácio

Personagens

Narrador, Boneca, Carrinho, Pião,

Dados, Cavalinho, Relógio, Palhaço

Local

Quarto

O porcofrinho

Efeito sonoro: *Sons de uma noite calma; corujas e grilos.*

Narrador: *Era madrugada. A lua brilhava refletindo nas janelas, iluminando o quarto sem cobrar nada. Havia ali tantos brinquedos. E lá em cima estava o porquinho. É claro que ele tinha uma pequena abertura nas costas, alargada com uma faca para que as moedas maiores pudessem cair. Já tinham colocado duas grandes, junto com várias outras de valores diferentes. O porquinho estava tão cheio, tão cheio, que não fazia mais barulho ao mexerem nele, o que é o sonho de qualquer porquinho que se preze.*

Efeito sonoro: *Som de um porquinho roncando.*

Narrador: *Lá estava ele, olhando todo o cômodo do alto do móvel onde morava. Sabia muito bem*

que poderia comprar qualquer brinquedo do quarto com a quantia que tinha na sua barriga, e isso sim é que se chama de autoestima. Os outros sabiam que o porquinho era rico, mas nada comentavam sobre isso, afinal, tinham muitas outras coisas para conversar. A noite silenciosa e a casa vazia poderiam ser a oportunidade perfeita para todos se reunirem novamente. E, então, uma das gavetas da cômoda se abriu bem devagar.

Efeito sonoro: *Som de gaveta rangendo devagar.*

Narrador: *De dentro dela, saiu uma boneca bem grande, um pouco velha, com a cabeça remendada. E todos já sabiam que a diversão iria começar.*

Boneca: *Oi pessoal, já faz algum tempo que não nos encontramos. Vamos brincar de ser gente, é sempre divertido.*

Narrador: *E todos os brinquedos ficaram felizes e agitados.*

Efeito sonoro: *Várias pessoas falando ao mesmo tempo.*

Narrador: *Todos estavam prontos para brincar, até o carrinho, um dos brinquedos mais simples, foi convidado a se divertir.*

Efeito sonoro: *Som de carro sendo ligado.*

Carrinho: Não é porque sou mais simples que vou ficar de fora da brincadeira. Todos temos o nosso valor.

Efeito sonoro: *Som de carro indo embora.*

Narrador: *E até mesmo o pião queria participar.*

Pião: Vai ser legal brincar de um jeito que não seja rodando, rodando, rodando sem parar.

Efeito sonoro: *Som de de um pião rodando numa superfície de madeira.*

Narrador: *E para completar a agitação, chegaram ainda mais brinquedos, entre eles, o par de dados.*

Dados: Que legal! A gente podia ajudar também. Com sorte, vamos nos divertir muito.

Efeito sonoro: *Som de dados rolando.*

Narrador: *O porquinho foi o único que recebeu um convite por escrito, porque estava no topo da cômoda e, provavelmente, não ouviria um convite vindo lá de baixo. Ele nunca havia participado das reuniões dos brinquedos, pois sempre ficava lá pensando em como era um cofrinho rico e realizado, sonhando acordado com o que poderia comprar*

com as suas moedas. Porém, aquela era uma noite diferente, e pela primeira vez os barulhos vindos lá de baixo chamaram a atenção do porquinho. Ele imaginou como seria bom não viver pensando somente naquilo que tinha, como seria divertido ter amigos para brincar e conversar. Sempre sentiu que faltava alguma coisa para completar a sua felicidade. Lá na parte de baixo do quarto, tudo estava pronto para começar, o palco para o show do palhaço estava finalmente pronto, e as mesas para o chá e a conversa de fim de noite tinham cessado. Mas, decidiram começar pelo fim. O cavalinho precisava conversar.

Cavalinho: Vocês não vão acreditar, acabei de ganhar novas ferraduras, me sinto tão mais rápido. Olha só!

Efeito sonoro: *Som de cavalo galopando.*

Narrador: *O carrinho, também feliz com seu novo motor, acelerou para correr e brincar com o seu amigo cavalo.*

Efeito sonoro: *Som de motor acelerando.*

Narrador: *E enquanto isso, o relógio falava sobre o passar do tempo com duas almofadas bordadas, que resolveram ficar logo abaixo da cômoda do por-*

quinho, pois dali teriam uma visão melhor do show do palhaço. Depois de todos conversarem bastante, o relógio então informou a hora exata.

Relógio: *Tic Tac! São 20 horas e 23 minutos, pessoal. É hora do show do nosso amigo palhaço.*

Efeito sonoro: *Som de cuco ou de um alarme de relógio.*

Narrador: *O show começou, e todos riram e aplaudiram bastante. O palhaço terminou com um poema.*

Palhaço: *Cada coisa em seu lugar certo, concorde se for esperto. Sim, sou palhaço, mas sou muito bom no que faço. Eu não posso ser feliz sozinho, obrigado, beijos, e muito carinho.*

Efeito sonoro: *Som de risos de palhaço e aplausos.*

Narrador: *Aquela agitação de final de festa chamou cada vez mais a atenção do porquinho. Ele definitivamente queria estar lá, rir, brincar, e conversar com os outros, fazer parte. Bastante animado, resolveu se aproximar para dizer olá.*

Efeito sonoro: *Som de porquinho cheio de moedas se esforçando para andar (hum... hum... hum...)*

Narrador: *Todos os brinquedos estavam alegres e se divertindo com aquele acontecimento. Muitos já tinham se perguntado se o porquinho aceitaria um convite deles. Mas, dessa vez, estavam muito ocupados para perceber o que ia acontecer.*

Efeito sonoro: *Som de baque surdo, o porquinho caiu nas almofadas.*

Narrador: *O porquinho caiu da cômoda! Estava tão resolvido que queria fazer amigos que se desequilibrou e caiu. Para sorte dele, as duas almofadas que estavam bem abaixo do móvel o salvaram de uma queda pior. Algumas das suas moedas se perderam, e ele ficou arranhado, mas isso não era problema. O porquinho estava convencido de que era melhor ter amigos do que viver sozinho com as suas moedas, e os brinquedos ficaram muito felizes em ver o seu novo amigo finalmente se aproximar. Cuidaram do arranhão do porquinho e continuaram a se divertir, agora, todos juntos. E é com esse novo começo que chega ao fim a nossa história.*

O pião e a bola

Tradução do conto *The top and the ball*

De Hans Christian Andersen

Tradução e roteiro

Maria Eunice Bahia

Revisão

Sílvia Maria Guerra Anastácio

Personagens

Narrador, Pião, Bola, Criada

Local

Quarto

O pião e a bola

Narrador: *(contador de histórias)* Era uma vez, um pião e uma bola que moravam em uma gaveta de armário no quarto de um menino de sete anos, junto com outros brinquedos. O pião era apaixonado pela bola, mas ela, feita de couro e super vaidosa, nem ligava para ele.

Efeito sonoro: *Som de pião e bola rolando dentro de uma gaveta de madeira.*

Pião: *(tom romântico e galanteador)* Olha aqui, Dona Bola, já que a gente mora junto na mesma gaveta há tanto tempo, que tal ficarmos noivos?

Bola: *(tom de mocinha elegante e metida)* Hum, eu hein! Nem te respondo, pião.

Efeito sonoro: *Som de grilo e/ou coruja (bichos da noite).*

Narrador: *À noite, o menino, dono dos brinquedos, decidiu pintar o pião todo de vermelho e amarelo, botou um prego de bronze no meio dele e foi dormir.*

Efeito sonoro: *Som de pincel espalhando tinta no pião e barulho de prego sendo colocado no pião.*

Narrador: *O pião aproveitou para tentar conversar com a bola de novo.*

Pião: *(tom confiante e alegre)* Olha só para mim! O que você me diz agora? Não acha que finalmente deveríamos ficar noivos? Nós dois combinamos demais: você pula, eu danço. Não poderia existir casal mais feliz!

Bola: *(tom irônico)* Oh, você acha mesmo? Você não se toca, hein! Meus pais eram chinelos marroquinos e eu sou toda feita de cortiça por dentro.

Pião: Ah, mas eu sou feito de mogno! O prefeito me fez com seu próprio torno!

Bola: Você espera que eu acredite nisso?

Pião: Claro que sim, é sério. Que eu não seja nunca mais açoitado se não estiver falando a verdade para você!

Bola: Você se descreve de um modo muito positivo! Mas minha resposta realmente é... não. Como deve

saber, eu sou praticamente o que você pode chamar de compromissada com um passarinho. Toda vez que eu subo bem alto, no ar, ele bota a cabeça para fora do ninho e diz...

Passarinho: Casa comigo?

Bola: Eu até já disse a mim mesma que sim, o que significa que estou mais ou menos noiva, um meio compromisso, entende? Mas eu prometo jamais esquecer você!

Pião: *(tom sarcástico)* Ah, tá, hein... que bom!

Narrador: *E assim, os dois terminaram a conversa e foram descansar.*

Efeito sonoro: *Som de porta abrindo, passos de menino andando no chão, pássaros cantando, folhas balançando, barulho de bola pulando.*

Narrador: *No dia seguinte, a bola foi levada para o jardim novamente. O pião só ficava observando ela voando no céu, como um pássaro, até se perder de vista. Mas ela sempre voltava, quer seja por saudade, ou por causa da rolha de cortiça que tinha dentro dela: sempre dando um pulo bem alto, assim que tocava o chão. Então, na nona vez que subiu, ela nunca mais voltou; o menino procurou, procurou, mas ela tinha desaparecido.*

Pião: *(tom pensativo e com um suspiro)* Ah, eu acho que sei onde ela está. No ninho do passarinho e provavelmente já se casou com ele.

Narrador: *E quanto mais o pião pensava nisso, mais se perdia de paixão, com o coração partido.*

Pião: O mais estranho é que ela poderia ter aceito qualquer outro pretendente.

Narrador: *E então, o pião seguiu a vida dançando e rodopiando, mas pensando na bola o tempo todo, que parecia cada vez mais bonita em sua imaginação.*

Efeito sonoro: *Som de pião rodopiando no chão.*

Vários anos se passaram, até que tudo se transformou apenas em um velho caso de amor. O pião parecia ter esquecido sua paixão pela bola, até o dia em que, de repente, foi todo pintado de dourado e algo inesperado aconteceu. Ele nem era mais tão novo assim, mas ficou bem bonito, agora era um pião de ouro! O menino, mesmo já mais crescido, pegou-o para brincar no jardim, como antigamente.

Efeito sonoro: *Som de pião sendo jogado no chão e rodopiando várias vezes. Barulho de risada.*

Narrador: *O pião girou mais e mais, até fazer um estranho zumbido.*

Efeito sonoro: *Barulho estranho ou zumbido.*

Narrador: *Então, inesperadamente, ele pulou alto demais e sumiu, como aconteceu com a bola. Todos que moravam na casa procuraram por ele, por toda parte, até mesmo no porão, mas não o encontraram.*

Efeito sonoro: *Som de pessoas andando, subindo e descendo escadas, abrindo e fechando portas, remexendo coisas.*

Narrador: *Ele tinha pulado para dentro da lixeira, misturado com todo tipo de resíduos e porcarias, que tinham descido pela calha do telhado abaixo.*

Pião: *(tom de decepção e nojo) Eca! Que lugar mais legal para eu cair, hein? Aqui, logo, logo, minha pintura dourada vai se estragar; vixe, eu nunca vi tanta porcaria ao meu redor!*

Narrador: *O pião espiou de um lado para o outro e viu um talo de couve bem fininho e um objeto redondo curioso, que parecia com uma maçã velha... Mas, na verdade, não era uma maçã, e sim uma velha bola, que estava lá na calha há vários anos e tinha ficado toda encharcada. Então, a bola deu uma olhada no pião dourado e disse...*

Bola: *(tom de alegria e alívio)* Ai! Graças a Deus, finalmente aparece alguém com quem posso conversar por aqui. Na realidade, eu sou feita de couro, costurada por senhoras educadas, e tenho tanta cortiça por dentro que ninguém pode imaginar, ao me ver... assim.

Eu ia me casar com um passarinho, quando caí na calha de um telhado, e aqui fiquei durante cinco anos, cada vez mais encharcada. Já faz muito tempo, acredite, para uma jovem como eu.

Narrador: *Mas o pião não disse nada. Ficou apenas pensando; e quanto mais a escutava, mais se lembrava de seu velho amor e tinha certeza de que era ela sim!*

Efeito sonoro: *Som de uma pessoa varrendo o chão e abrindo uma lixeira.*

Narrador: *Dias após o desaparecimento do pião dourado, a criada estava varrendo a casa e quando foi esvaziar a lixeira se surpreendeu com o que viu.*

Criada: *(tom de surpresa e satisfação)* Minha nos-sa! Mas não é o pião dourado?!

Narrador: *De volta a casa, o pião recebeu muita atenção de todos, nada disse sobre a bola, e nunca mais falou de seu velho amor. Amor, com certeza,*

fadado a desaparecer. Afinal de contas, ao ver o seu amor passar cinco anos se encharcando cada vez mais na calha do telhado, não é de se esperar que alguém a reconheça se a reencontrar na lixeira.

Peter Coelho

Tradução do conto *The tale of Peter Rabbit*

De Beatrix Potter

Tradução e roteiro

Alana Verena Matos Silva
e Manoela Cristina Correia Carvalho
da Silva

Revisão

Sílvia Maria Guerra Anastácio

Personagens

Narrador, Velha Sra. Coelho,
Sr. McGregor

Local

Banco de areia, Quintal do
Sr. McGregor

Peter Coelho

Narrador: *Era uma vez, quatro coelhinhos: Flopsy, Mopsy, Cotton-tail e Peter. Viviam com a mãe em um banco de areia sob as raízes de um imenso pinheiro. Certa manhã, a Senhora Coelho proibiu os seus filhos de brincarem no quintal do senhor McGregor.*

Velha Sra. Coelho: *Vejam, meus queridos, vocês podem ir para o campo ou seguir pela trilha, mas não entrem no quintal do senhor McGregor. Lembrem-se do que aconteceu com o pai de vocês. Ele acabou virando um recheio de torta. Agora vão embora. E nada de travessuras! Eu tenho que sair.*

Narrador: *A Senhora Coelho pegou uma cesta, o guarda-chuva, e saiu pela floresta em direção à padaria. Comprou um pão de forma integral e cinco pãezinhos com passas. Flopsy, Mopsy e Cotton-tail, que eram coelhinhas muito bem comportadas, foram*

pela trilha para colher amoras. Mas Peter, que era muito desobediente, logo correu para o quintal do senhor McGregor e, para entrar, espremeu-se por baixo do portão! Primeiro, ele comeu alguns pés de alface, vagens e rabanetes. Como estava muito enjoado, foi procurar um pouco de salsa para comer. Mas, com quem ele se deparou ao contornar um canteiro de pepinos? Hum? O senhor McGregor em pessoa! Ele estava de quatro, plantando mudas de repolho, mas, de um pulo só, o velhinho pôs-se de pé e começou a correr atrás de Peter, balançando seu ancinho.

McGregor: Pega, ladrão!

Narrador: *Peter estava morto de medo e disparou em direção à saída, mas acabou dando voltas pelo quintal porque não se lembrava onde ficava o portão. Na correria, perdeu os sapatos entre os repolhos e as batatas.*

Efeito sonoro: *Som de sapato caindo do pé.*

Narrador: *Já que estava sem sapatos, passou a correr e disparou mais rápido ainda. Acho até que teria conseguido fugir se os grandes botões de latão de seu paletó azul novinho em folha não tivessem se enroscado numa moita de frutinhas com sabor de framboesa.*

Efeito sonoro: *Som de botões de latão se enroscando numa planta.*

Narrador: *Bem, a essa altura, Peter estava a ponto de desistir e começou a chorar.*

Efeito sonoro: *Som de choro.*

Narrador: *Seus soluços foram ouvidos por alguns pardais muito solícitos que se aproximaram e ajudaram Peter a se desprender dos galhos.*

Efeito sonoro: *Som de soluços; som de pardais cantando alegremente.*

Narrador: *Peter ainda estava todo enroscado quando o Senhor McGregor apareceu com uma peneira para prendê-lo. O coelhinho se contorceu todo, se desvencilhou e conseguiu fugir. Mas o paletó azul ficou para trás. Aí ele disparou em direção ao galpão onde o Senhor McGregor guardava as ferramentas e se jogou dentro de um regador. Aquele teria sido o esconderijo perfeito, se o regador não estivesse tão cheio de água. O senhor McGregor tinha certeza que Peter estava escondido em algum lugar do galpão, talvez debaixo de um caqueiro. Começou a desvirá-los com cuidado, um por um. Foi aí que Peter espirrou.*

Efeito sonoro: *ATCHIMMM!*

Não demorou nada e o senhor McGregor estava atrás dele de novo. O velhinho quase pisou em Peter, mas ele pulou para fora do galpão por uma janela. Na fuga, acabou quebrando três plantas.

Efeito sonoro: *Barulho de vasos de plantas caindo.*

Narrador: *Bem, a janela era pequena demais para o senhor McGregor e ele estava cansado de correr atrás de Peter. Então, voltou ao trabalho. Ufa! Peter se sentou para descansar. Estava ofegante, tremendo de medo, e não tinha a menor ideia para onde ir.*

Efeito sonoro: *Som de alguém cansado, arfando.*

Narrador: *Também estava muito molhado porque tinha ficado sentado naquele regador. Depois de um tempo, começou a andar sem rumo, dando pequenos pulinhos, de mansinho, olhando tudo ao seu redor.*

Efeito sonoro: *Som de pulos.*

Narrador: *Encontrou uma porta no muro, mas estava trancada e um coelhinho gorducho como ele não tinha como se espremer para passar por baixo da porta. Aí, ele viu uma velha ratinha correndo na soleira de pedra, entrando e saindo do quintal. Carregava ervilhas e feijões para sua família lá na*

floresta. Perguntou a ela o caminho até o portão. A ratinha estava com uma ervilha tão grande na boca, que nem pôde responder. Apenas sacudiu a cabeça. Sentindo-se perdido, Peter começou a chorar.

Efeito sonoro: *Som de choro.*

Peter cruzou o quintal tentando encontrar o caminho, mas ficou ainda mais confuso. Foi aí que chegou ao pequeno lago onde o senhor McGregor enchia seus regadores. Uma gata branca estava olhando com muita atenção para uns peixinhos dourados. Ela estava sentada ali, pa-ra-di-nha, de vez em quando, a ponta da sua cauda se contorcia como se tivesse vida própria. Peter achou melhor ir embora sem falar com ela. Decidiu voltar e tomou a direção do galpão de ferramentas. De repente, bem pertinho, ouviu um barulho de enxada.

Efeito sonoro: *Escr-r-ritch, escratch, escratch, escritch.*

Narrador: *Peter enfiou-se nos arbustos. Como não via ninguém, saiu do esconderijo e subiu num carrinho de mão para dar uma espiada. A primeira coisa que viu foi o senhor McGregor capinando cebolas. Ele estava de costas para Peter e, logo atrás, atrás dele estava o portão! Peter desceu do carrinho*

silenciosamente; e começou a correr o mais rápido que pôde por um caminho por trás de uns pés de cassis. Quando Peter já estava a poucos passos da saída, o senhor McGregor o viu. Mas Peter nem ligou. Se enfiou por baixo do portão e finalmente estava a salvo na floresta do lado de fora do quintal. O senhor McGregor pendurou o paletó e os sapatinhos de Peter fazendo um espantalho para afugentar os corvos. Quanto ao coelhinho, ele não parou de correr nem olhou para trás até chegar em casa.

Efeito sonoro: Som de passos de algém correndo.

Estava tão cansado, mas tão cansado, que praticamente desmaiou na areia macia do chão da toca. Mamãe Coelho estava ocupada cozinhando; mas ficou se perguntando o que teria acontecido com as roupas dele. Era o segundo paletó e o segundo par de sapatos que Peter perdia em duas semanas! Sinto muito dizer que Peter não passou muito bem naquele fim de tarde. Sua mãe o colocou na cama, e lhe deu um pouco de chá de camomila! Uma colher de sopa para tomar ao deitar. Já Flopsy, Mopsy e Cotton-tail tomaram leite, comeram pão e amoras no jantar.

A história de dois ratinhos travessos

Tradução do conto *The tale of two
bad mice*

De Beatrix Potter

Tradução e roteiro

Louise Conceição Pereira Tanajura
e Manoela Cristina Correia Carvalho
da Silva

Revisão

Sílvia Maria Guerra Anastácio

Personagens

Narrador, Zé Pequeno, Garota, Babá

Local

Casinha de bonecas

A história de dois ratinhos travessos

Narrador: *Era uma vez uma linda casinha de bonecas. Ela era todinha de tijolos vermelhos com janelinhas brancas e tinha cortinas de musseline de verdade, e uma porta e uma chaminé. A casinha era de duas bonecas, Lucinda e Jane. Lucinda nunca se preocupava com a comida. Jane era a cozinheira, mas ela nunca cozinhava nada, porque o jantar tinha sido comprado prontinho em uma caixa cheia de lasquinhas de madeira. Duas lagostas vermelhas e um presunto, um peixe, um pudim e algumas peras e laranjas. Veio tudo grudado nos pratos, mas era uma beleza.*

Certa manhã, Lucinda e Jane foram dar um passeio no carrinho de bonecas; não havia ninguém no quarto de brinquedos. Tudo estava muito silencioso. Foi então que se ouviu um leve roc-roc no cantinho

perto da lareira onde havia um buraco no meio do rodapé.

Efeito sonoro: *Som de fogo queimando; barulho de rato roendo algo.*

Narrador: *Zé Pequeno colocou sua cabeça para fora por um instante e – puf – entrou novamente. Zé Pequeno era um rato.*

Efeito sonoro: *Barulho de algo saltando para fora.*

Narrador: *Logo depois, foi a vez de Rata Rita, sua mulher. Quando ela viu que não tinha ninguém no quarto de brinquedos, se arriscou e saiu pela flanela debaixo da caixa de carvão.*

Efeito sonoro: *Barulho de algo saltando para fora.*

Narrador: *A casinha de bonecas ficava do outro lado da lareira. Zé Pequeno e Rata Rita atravessaram o tapete com cuidado, empurraram a porta da frente; ela não estava trancada...*

Efeito sonoro: *Barulho de porta se abrindo.*

Narrador: *Zé Pequeno e Rata Rita subiram as escadas e deram uma espiada na sala de jantar. Os dois guincharam de alegria!*

Efeito sonoro: *Barulho de rato chiando.*

Narrador: *Que lindo jantar estava sobre a mesa! Havia colheres de latão, facas e garfos de chumbo e duas cadeirinhas de boneca. Tudo tão perfeito! Zé Pequeno tentou cortar o presunto, que era bem brilhante, com listrinhas vermelhas, mas a faca entortou. Zé Pequeno machucou o dedo e gritou.*

Zé Pequeno: *Ai! Isso não está bem cozido! Está duro! Experimente, Rata Rita!*

Narrador: *Rata Rita ficou de pé na cadeira e tentou cortar o presunto com outra faca. Rata Rita fez tanta força que o presunto saltou do prato e saiu rolando pra baixo da mesa.*

Efeito sonoro: *Barulho de algo caindo no chão e, em seguida, rolando.*

Zé Pequeno: *Deixa isso pra lá! Me passa o peixe, Rata Rita!*

Narrador: *Rata Rita usou todas as colheres de latão, uma a uma. O peixe estava grudado no prato.*

Efeito sonoro: *Barulho de talher em prato.*

Narrador: *Então, Zé Pequeno perdeu a paciência. Colocou o presunto bem no meio da sala e bateu nele com o pegador de carvão e com a pá. Pedacos de pudim, de lagostas, peras e laranjas voaram para todo*

lado. Afinal, por debaixo daquela tinta brilhante não havia nada. Só comida feita de gesso. Zé Pequeno e Rata Rita ficaram muito decepcionados.

Efeito sonoro: *Barulho de coisas caindo, se partindo.*

Narrador: *Como o peixe não soltava do prato, eles foram até a cozinha e o jogaram no fogo, que era feito de um papel vermelho vivo, mas o peixe também não queimava! Zé Pequeno subiu pela chaminé da cozinha e olhou para fora. Não havia uma fuligem sequer! Enquanto Zé Pequeno estava lá em cima na chaminé, Rata Rita se decepcionava mais uma vez. Ela encontrou umas vasilhinhas do armário onde estava escrito arroz, café, sagu... Mas, quando virou as vasilhinhas de ponta cabeça, não encontrou nada, só miçangas azuis e vermelhas.*

Então, aqueles dois começaram a fazer todas as travessuras que se pode imaginar, principalmente Zé Pequeno. Ele foi até o quarto, tirou as roupas de Jane da cômoda e jogou pela janela do segundo andar. Rata Rita era mais prática. Depois de arrancar metade das penas do travesseiro de Lucinda, lembrou que ele poderia servir como uma bela cama. Com a ajuda de Zé Pequeno, ela carregou o travesseiro escada abaixo e atravessou o tapete.

Foi difícil enfiar o travesseiro naquela toquinha de ratos, mas eles deram um jeito.

Efeito sonoro: *Barulho de alguém fazendo força.*

Narrador: *Depois, Rata Rita voltou e pegou uma cadeira, uma estante de livros, uma gaiola de passarinho e várias outras coisinhas.*

Efeito sonoro: *Barulho de coisas sendo arrastadas.*

Narrador: *Infelizmente, a estante e a gaiola de passarinho não entraram na toca. Rata Rita deixou as duas atrás da caixa de carvão e voltou para buscar um berço. Ela estava voltando com mais uma cadeira, quando, de repente, ouviu um barulho de pessoas conversando vindo lá de fora. Os ratinhos dispararam de volta para a toca e a dona das bonecas e a babá entraram no quarto de brinquedos.*

Efeito sonoro: *Burburinho de pessoas conversando.*

Narrador: *Que visão tiveram as bonecas! Lucinda sentou sobre o fogão que estava caído no chão e olhou fixamente ao redor. Jane encostou-se no armário da cozinha, já conformada, e deu um sorriso amarelo. Nenhuma das duas falou nada.*

Efeito sonoro: *Suspiro das bonecas.*

Narrador: *A estante e a gaiola foram resgatadas de debaixo da caixa de carvão, mas Rata Rita tinha ficado com o berço, algumas roupas de Lucinda, umas panelas e tachos, e outras coisinhas. Então, a garota, dona da casinha de bonecas e sua babá tiveram algumas ideias:*

Garota: Eu vou conseguir uma boneca de uniforme de policial!

Babá: Eu vou comprar uma ratoeira!

Narrador: *Essa é a história de dois ratinhos travessos. Mas, afinal das contas, eles não eram tão malvados assim, porque Zé Pequeno pagou por tudo que quebrou. Ele encontrou uma moeda meio torta escondida embaixo do tapete e, na véspera de Natal, ele e Rata Rita a colocaram em uma das meias de Lucinda e Jane. E até hoje, toda manhã, bem cedinho, antes de todos despertarem, Rata Rita pega sua pá e sua vassoura e limpa a casa das bonequinhas.*

Efeito sonoro: *Barulho de vassoura varrendo o chão.*

O gigante egoísta

Tradução do conto *The selfish
giant*

De Oscar Wilde

Tradução e roteiro

Fernanda Rochinski

Revisão

Sílvia Maria Guerra Anastácio

Personagens

Narrador, Gigante, Neve,
Vento-Oeste, Outono, Árvore

Local

Jardim do Gigante

O gigante egoísta

Narrador: *Todas as tardes, ao saírem da escola, as crianças iam brincar no jardim do Gigante. Era um jardim lindo e enorme, coberto de grama verde. Em alguns lugares do jardim, havia lindas flores, que pareciam estrelas e, doze pessegueiros, que durante a primavera, brotavam delicados botões cor de rosa, como pérolas, e pêssegos no outono. Os passarinhos pousavam nas árvores e cantavam de forma tão doce, que as crianças paravam de brincar para ouvi-los cantar.*

Efeito sonoro: *Passarinhos cantando.*

Narrador: *“Como somos felizes aqui!” As crianças falavam umas as outras.*

Um dia, o Gigante voltou, depois de ter morado com o seu amigo, o Ogro, de outra cidade e com quem passara sete anos. Como já tinha conversado tudo

o que tinha para falar com o seu amigo, o Ogro, o Gigante decidiu que já era tempo de voltar para o castelo. Quando chegou, viu algumas crianças brincando no seu jardim.

Gigante: *(em tom de voz grave)* O quê que estão fazendo aqui? Meu jardim é o MEU jardim, qualquer um consegue entender isso e não vou deixar ninguém brincar aqui, só eu.

Narrador: *Ele gritou! E as crianças fugiram com medo.*

Então, ele construiu um muro alto em volta do jardim e colou um aviso.

Gigante: *(tom alto)* OS INVASORES SERÃO CASTIGADOS.

Narrador: *(tom de tristeza e com pena)* Ele era um Gigante muito egoísta. E as crianças não tinham mais nenhum lugar para brincar. Tentaram brincar na rua, mas como na rua tinha muita poeira e era cheia de pedras, as crianças não gostaram de brincar lá. Então, elas ficavam andando em volta daquele muro alto, depois da aula, e lembravam daquele lindo jardim que ficava do outro lado. *(tom saudosos)* “Como éramos felizes aqui.” Diziam umas às outras.

A Primavera chegou e por todo o país havia botões de flores e passarinhos. Só no jardim do Gigante Egoísta ainda era inverno. Os passarinhos não cantavam naquele jardim, já que não havia crianças, e as árvores se esqueceram de florir. Certa vez, uma linda flor botou a cabeça para fora da grama, mas foi então que leu o aviso e sentiu tanta pena das crianças, que voltou para debaixo da terra para dormir. As únicas pessoas que estavam felizes ali eram a Neve e a Geada, frias como gelo.

Efeito sonoro: *Som de ventania e neve caindo.*

Neve: A Primavera esqueceu este jardim. Por isso, vamos morar aqui o ano todo.

Narrador: *A Neve cobriu a grama com seu grande manto branco e a Geada pintou todas as árvores de prata. Então, convidaram o Vento-Norte para ficar com elas, e ele veio. Chegou agasalhado de peles e ficava soprando pelo jardim o dia inteiro, derrubando as chaminés.*

Vento-Norte: Este é um lugar encantador. Precisamos chamar o Granizo para vir nos visitar.

Narrador: *Disse o Vento-Norte.*

Efeito sonoro: *Som de gelo caindo no chão.*

Narrador: *E o Granizo veio, carregado de pedras de gelo. Todos os dias, durante três horas, ele ficava andando pelo telhado do castelo até quebrar a maior parte das telhas, e depois, dava várias voltas no jardim, correndo o mais rápido possível. Vestia-se de cinza e seu hálito era frio como gelo.*

Gigante: Não consigo entender porque a Primavera está demorando tanto para chegar aqui. Espero que o clima mude.

Narrador: *Disse o Gigante Egoísta, sentado junto à janela, olhando para seu jardim branco e frio. Mas nem a Primavera, nem o Verão chegaram. O Outono deu frutas douradas em todos os jardins, mas no jardim do Gigante nada aconteceu.*

Outono: *(tom acusador)* Ele é muito egoísta.

Narrador: *Disse o Outono. E então, era sempre Inverno naquele jardim e o Vento-Norte, o Granizo, a Geada e a Neve dançavam em volta das árvores.*

Um dia de manhã, o Gigante estava deitado, quando ouviu uma música encantadora.

Efeito sonoro: *Som agudo de uma flauta.*

Narrador: *O som era tão doce, que o Gigante achou que fossem os músicos do rei passando por ali.*

Efeito sonoro: *O som da flauta começa a transformar-se em um canto de pássaro.*

Narrador: *Mas era só um passarinho, um sabiá cantando do lado de fora da janela. Fazia tanto tempo que não ouvia um passarinho cantar no jardim, que para ele, aquela música soava como a mais bela canção do mundo. Então, o Granizo parou de dançar lá em cima, o Vento-Norte parou de soprar e um perfume delicioso chegou até ele pela janela aberta da casa.*

Gigante: *(tom de alegria)* Parece que finalmente a Primavera chegou!

Narrador: *Disse o Gigante. Ele pulou da cama e olhou para fora da janela. E o que foi que ele viu? Viu uma cena maravilhosa. As crianças tinham passado por um buraco no muro e estavam sentadas nos galhos das árvores. Em cada árvore, havia uma criança. E elas estavam tão felizes de terem as crianças de volta, que se cobriram de botões de flores e, com seus galhos, acariciavam a cabeça dos meninos. Os passarinhos sobrevoavam o jardim, cantando de alegria, e as flores entre a grama verde, sorriam. Que cena linda! Só em um canto do jardim ainda era inverno, o lugar mais distante do jardim; e lá estava em pé um menininho. Era tão*

pequeno que não conseguia nem alcançar os galhos da árvore e ficava dando voltas, chorando muito. A pobre árvore ainda estava bastante coberta de gelo e neve, e o Vento-Norte soprava, fazendo barulho sobre ela.

Efeito sonoro: *Som de ventania.*

Árvore: *Suba, menininho!*

Narrador: *Disse a Árvore, e estendeu seus galhos o mais baixo que pode para alcançá-lo. Mas o menino era muito pequeno. Foi então, que o coração do Gigante se derreteu ao ver aquela cena.*

Gigante: *Como fui egoísta! Agora sei por que a Primavera não queria vir aqui. Vou botar aquele pobre menino no alto da árvore, e depois, derrubar o muro. De agora em diante, meu jardim será um parque de diversões para as crianças.*

Narrador: *O Gigante realmente estava arrependido. Então, desceu as escadas, abriu a porta da frente bem devagar e foi para o jardim. Mas quando as crianças o viram, tiveram tanto medo, que fugiram, e o inverno voltou. Só o menininho não fugiu, pois seus olhos estavam tão cheios de lágrimas que ele nem viu o Gigante se aproximar. Em seguida, o Gigante parou de mansinho*

atrás do menino e colocou-o em cima da árvore. No mesmo instante, a árvore floresceu e os passarinhos vieram cantar ali. O menino esticou os braços para o Gigante, abraçou-o e deu-lhe um beijo. E as outras crianças, quando viram que o Gigante não era mais malvado, voltaram correndo e com elas veio a Primavera.

Gigante: *(tom amistoso e convidativo)* Venham, meninos! Agora o jardim é de vocês.

Narrador: *Disse o Gigante, que pegou um machado enorme, e derrubou o muro. E, a partir daquele momento, quando as pessoas passavam por lá, indo ao mercado, ao meio dia, encontravam o Gigante brincando com as crianças no jardim mais bonito do mundo. Brincavam o dia inteiro e, à noite, iam até o Gigante para lhe dar boa noite.*

Gigante: *(tom curioso)* Mas onde está seu coleguinha? O menino que botei em cima da árvore?

Narrador: *Aquele menininho era o preferido do Gigante porque tinha sido o único que lhe dera um beijo. “Nós não sabemos, ele sumiu.” Responderam as crianças.*

Gigante: Vocês têm que falar para ele vir aqui amanhã.

Narrador: *Insistiu o Gigante. Mas as crianças disseram que não sabiam onde o menininho morava e que nunca o tinham visto antes. E o Gigante ficou muito triste.*

Todas as manhãs, depois da aula, as crianças iam brincar com ele. Mas o menininho que cativou o Gigante, nunca mais apareceu. O Gigante era muito gentil com todas elas, mas ainda sentia falta do seu primeiro amiguinho e, muitas vezes, falava dele.

Gigante: *(tom saudoso) Ah, como gostaria de vê-lo!*

Efeito sonoro: *Música suave para marcar a passagem do tempo.*

Narrador: *Os anos se passaram e o Gigante ficou velho e fraco. Como não conseguia mais brincar, sentava numa enorme poltrona, olhando as crianças brincarem e admirando seu jardim.*

Gigante: *Tenho muitas flores lindas. Mas, sem dúvida, as flores mais lindas são as crianças.*

Narrador: *Dizia o Gigante. Numa manhã de inverno, o Gigante olhou pela janela, enquanto se vestia. Não odiava mais o Inverno, pois sabia que a Primavera precisava dormir e as flores tinham que descansar. De repente, esfregou os olhos e ficou muito surpreso.*

Com certeza, o que estava vendo ali era incrível. No ponto mais distante do jardim, havia uma árvore coberta com lindos botões de flores brancas. Seus galhos eram dourados e algumas frutas prateadas brotavam deles.

Ali, embaixo dos galhos, estava o garoto que ele tanto procurava. O Gigante desceu muito alegre e foi até o jardim. Correu pela grama e alcançou a criança. E quando já estava bem perto dela, o seu rosto ficou vermelho de raiva, e disse:

Gigante: *(tom irritado)* Quem teve a coragem de machucar você?

Narrador: *Nas mãos e nos pezinhos da criança, haviam marcas de pregos.*

Gigante: *(tom irritado)* Quem teve a coragem de machucar você? Fale, vou pegar minha espada e matá-lo.

Narrador: *(tom enfático)* Não! Essas feridas são sinais de Amor, respondeu a criança.

Gigante: Mas quem é você?

Narrador: *Disse o Gigante, que tomado de grande respeito, ficou de joelhos diante daquela criança. Ela lhe sorriu e disse: “Uma vez você me deixou*

brincar no seu jardim, hoje, você vai comigo para o meu jardim, que é o Paraíso.” E quando as crianças chegaram no jardim, naquela tarde, encontraram o Gigante deitado, embaixo da árvore, todo coberto de botões de flores brancas.

**Askeladden e o Troll que
comeu demais**

Tradução do conto *Boots who ate
a match with the troll*

Autor desconhecido

Tradução e roteiro

Diandra Sousa Santos

Revisão

Elizabeth Santos Ramos,

Adalton Santos da Silva,

Bruno de Almeida,

Fernanda Pedrecal

e Millena de Paula Figueredo

Personagens

Narrador, Troll, Askeladden

Local

Floresta

Askeladden e o Troll que comeu demais

Efeito sonoro: *Sons de floresta: vento movimentando as folhas, pássaros cantando.*

Era uma vez um fazendeiro que tinha três filhos e pouco dinheiro. Era velho, fraco e os filhos não o ajudavam em quase nada. Um dia, o fazendeiro mandou seus filhos à floresta cortar lenha para vender e saldar suas dívidas.

Efeito sonoro: *Sons de folhas sendo pisadas.*

Narrador: *Depois de uma longa caminhada, o pai lhes disse que podiam começar.*

Efeito sonoro: *Barulho de lenha sendo cortada.*

O filho mais velho foi o primeiro.

Efeito sonoro: *Música de suspense.*

Mas, quando entrou na floresta e começou a cortar um pinheiro, um enorme Troll veio em sua direção.

Efeito sonoro: *Pisadas fortes e lentas, como de um gigante.*

Troll: *(voz grossa, um pouco assustadora, mas com um tom meio abobalhado) Se você continuar cortando as árvores da minha floresta, eu vou te matar!*

Narrador: *Quando o rapaz ouviu isso, largou o machado no chão (machado caindo na floresta, alguém correndo e arfando) e saiu correndo de volta para casa, o mais rápido que pôde. Chegou quase sem fôlego e contou o que havia acontecido. O pai, contudo, o chamou de fracote, lembrando que quando era jovem, jamais havia deixado que um Troll o intimidasse.*

Efeito sonoro: *Pausa curta. Sons de floresta: vento nas folhas e pássaros cantando.*

Narrador: *No dia seguinte, foi a vez do filho do meio, e a mesma coisa aconteceu. Ele mal tinha derrubado três troncos de pinheiro, (barulho de troncos caindo e música de suspense) quando veio o Troll em sua direção.*

Troll: *(voz grossa, um pouco assustadora, mas mantendo um tom meio abobalhado)* Se você continuar cortando as árvores da minha floresta, eu vou te matar.

Narrador: *O garoto nem se atreveu a olhar para o Troll. Largou o machado no chão e saiu correndo, desesperadamente, assim como o irmão mais velho.*

Efeito sonoro: *Barulho de machados caindo na floresta, algém correndo e arfando.*

Quando chegou em casa, o pai ficou furioso novamente, pois ele nunca havia deixado que um Troll o intimidasse. (pausa curta) No terceiro dia, Askeladden, o caçula, quis arriscar. (risos e vozes) Mas os seus irmãos duvidaram de sua coragem.

Efeito sonoro: *Risos.*

Irmãos mais velhos: Sem dúvida, você vai conseguir dar uma lição no Troll! Logo você, que quase não bota o pé fora de casa!

Efeito sonoro: *Risos.*

Narrador: *Askeladden não disse nada.*

Askeladden: Mamãe, me dê bastante comida.

Narrador: *Sua mãe, então, preparou um pouco de queijo e ele o colocou na bolsa.*

Efeito sonoro: *Barulho de floresta e de lenha sendo cortada.*

Narrador: *Depois de algum tempo cortando lenha, o Troll veio em sua direção.*

Troll: *(voz grossa e abobalhada) Se você continuar cortando as árvores da minha floresta, eu vou te matar!*

Narrador: *Mas Askeladden foi rápido no gatilho. Tirou o queijo da bolsa com um só movimento e o espremeu até que o soro começasse a escorrer.*

Efeito sonoro: *Som de algo pastoso sendo espremido.*

Askeladden: *Olhe como fala comigo! Ou vou te esmagar como estou esmagando esta pedra branca!*

Troll: *(voz grossa, mas abobalhada) Faz isso, não, amigo! Por favor, me poupe que eu te ajudo! Eu te ajudo a cortar a lenha!*

Narrador: *O menino aceitou a proposta. Como o Troll era um bom cortador de lenha, eles conseguiram cortar muitas braçadas de madeira naquele dia.*

Efeito sonoro: *Sons característicos da noite: coruja, grilos e bichos noturnos.*

Narrador: *Quando a noite chegou...*

Troll: *(meigo)* É melhor irmos para a minha casa, que é bem mais perto do que a sua.

Narrador: *Askeladden concordou. Chegando em casa, o Troll teve uma ideia: fazer uma fogueira, enquanto o menino buscava água para preparar o mingau. Mas os baldes de metal eram tão pesados, que o garoto mal conseguia levantá-los do chão.*

Askeladden: *(voz masculina, de pré-adolescente, desdenhosa)* Olha, não vale a pena levar esses baldinhos. Eu vou lá, e trago o poço inteiro.

Troll: *(preocupado)* Não, amigo, eu não posso ficar sem meu poço. Faça a fogueira, que eu vou buscar a água.

Efeito sonoro: *Sons de passos se afastando e, em seguida, se aproximando.*

Narrador: *Quando o Troll retornou com a água, fizeram uma panelada de mingau.*

Askeladden: *(desdenhoso e sonso)* Não que eu faça tanta questão, mas se você quiser, podemos

fazer um campeonato e ver quem consegue comer mais mingau.

Troll: *(antecipando a vitória)* Ótima ideia!

Narrador: *E aí, eles começaram a comer. Discretamente, Askeladden pegou sua bolsa e a pendurou no peito, derramando ali dentro mais mingau do que o que comia. Quando a bolsa ficou cheia, tirou uma faca do bolso e fez um pequeno corte nela.*

Efeito sonoro: *Som de faca cortando o tecido.*

Narrador: *O Troll olhava tudo isso, sem dizer nada. Depois de muito tempo comendo, o Troll baixou a colher.*

Efeito sonoro: *Barulho de talheres e prato.*

Troll: *(em tom de reclamação)* Aaaah. Chega, não consigo comer mais nada!

Askeladden: *(em tom de provocação)* Mas, você tem que comer mais! Eu ainda nem comecei. Se você fizer um buraco na barriga, assim como eu fiz, vai poder comer muito mais!

Troll: *(desconfiado)* Mas isso não vai doer, não?

Askeladden: *(em tom de provocação)* Quase nada!

Efeito sonoro: *Pausa. Grito de dor de quem está morrendo.*

Narrador: *O Troll seguiu o conselho de Askeladden e, como se sabe, acabou morrendo. O garoto pegou todo o ouro e toda a prata que havia na montanha, voltou para casa e, como você pode imaginar, quitou as dívidas da família.*

Efeito sonoro: *Música de fundo fica mais alta.*

Em busca da galinha perdida

Tradução do conto *Your hen is in the mountain*

Autor desconhecido

Tradução e roteiro

Fernanda Pedrecal

Revisão

Elisabeth Santos Ramos,

Adalton Santos da Silva,

Bruno de Almeida,

Diandra Souza Santos

e Milena de Paula Figueredo

Personagens

Narrador, Senhora, Troll,

Filha mais velha, Filha mais nova,

Filha do meio

Local

Floresta, Montanha, Casa do Troll

Em busca da galinha perdida

Narrador: *Era uma vez uma velha viúva que morava com suas filhas perto de uma montanha, isolada do resto do mundo. Ela era tão pobre que seu único animal era uma galinha, considerada a menina de seus olhos.*

Efeito sonoro: *Som de cacarejo ao fundo.*

Narrador: *A galinha estava sempre cacarejando aos pés da viúva que, por sua vez, sempre procurava pela mascote. Um belo dia, a galinha sumiu. A viúva saiu, deu voltas e mais voltas ao redor da casa, procurando e chamando, mas não houve jeito de encontrá-la. Então, a viúva disse à filha mais velha:*

Senhora: *Vá lá fora e veja se você consegue encontrar nossa galinha! Temos que trazê-la de volta, nem que a gente revire a montanha!*

Narrador: *A filha imediatamente obedeceu. Saiu, andou para cima e para baixo, procurou, chamou, mas não conseguiu achar a galinha. De repente, quando já estava para desistir da busca, ouviu alguém chamando através de uma fenda na rocha:*

Voz monstruosa, masculina, grave e distante: *A sua galinha está na montanha! Sua galinha está na montanha!*

Narrador: *Ela então foi até a fenda ver o que era. Mal colocou os pés ali, caiu num alçapão.*

Efeito sonoro: *Voz feminina: grito forte que vai morrendo aos poucos, até sumir.*

Narrador: *E foi caindo, caindo, até chegar no fundo de uma caverna subterrânea.*

Efeito sonoro: *Som de corpo caindo no chão.*

Narrador: *Ali, ela passou por vários cômodos, cada um mais esplêndido que o outro, até que no mais sombrio de todos, um grande e ameaçador Troll foi ao seu encontro e perguntou:*

Troll: *Quer ser minha namorada?*

Filha mais velha: *(indignada) Não! De jeito nenhum.*

Narrador: *Não aceitaria ficar com ele por nada no mundo! Tudo o que queria era voltar o mais rápido possível e encontrar sua galinha perdida. Só que o Troll se enfureceu tanto (urro com voz masculina, monstruosa e grave) que a agarrou e (grito, voz feminina) a jogou junto com o corpo no porão.*

Efeito sonoro: *Som de corpo sendo jogado no chão.*

Narrador: *Enquanto isso, a mãe sentada em casa esperava, esperava, e nada da filha. Após esperar por mais um bom tempo sem sinal da moça, perdeu à filha do meio que fosse procurar pela irmã e completou:*

Senhora: *Aproveite e vá chamar nossa galinha!*

Narrador: *Assim, a segunda filha foi, e lhe aconteceu exatamente o mesmo que ocorrera à sua irmã. Depois de esperar uma semana também pela segunda filha, sem notícia, sem sinal dela, a mãe disse para sua caçula:*

Senhora: *Você precisa procurar por suas irmãs! É uma pena a galinha ter desaparecido, mas não encontrar suas irmãs é muito pior. Mas é claro que você pode chamar a galinha enquanto as procura.*

Narrador: *Assim, a filha caçula saiu. Andou para cima e para baixo, procurando e chamando, mas não encontrou a galinha, nem as irmãs. Ela também chegou à fenda na rocha e ouviu a voz:*

Troll: *Sua galinha está na montanha! A sua galinha está na montanha!*

Narrador: *Ela achou estranho, foi ver o que era e acabou também caindo no alçapão.*

Efeito sonoro: *Voz feminina, grito forte que vai morrendo aos poucos, até sumir.*

Narrador: *Caiu, caiu até chegar à caverna.*

Efeito sonoro: *Som de corpo caindo no chão.*

Narrador: *Quando alcançou o fundo, foi de cômodo em cômodo, cada um mais maravilhoso que o outro. Mas ao contrário de suas irmãs, não teve medo. Como estava espiando uma coisa e outra, observou que havia um alçapão dando para o porão. Olhou para dentro dele e viu suas irmãs. Ela mal teve tempo de fechar o alçapão, quando o Troll veio até ela e perguntou:*

Troll: *Quer ser minha namorada?*

Filha mais nova: *(voz suave)* De todo o meu coração.

Narrador: *Respondeu a garota, que percebeu muito bem o que havia acontecido com suas irmãs. Ao ouvir isso, o Troll deu-lhe as melhores roupas do mundo. Na verdade, ela só precisava pedir e recebia tudo o que desejava, de tão contente que o Troll ficou por conseguir uma namorada. Depois de ter passado algum tempo ali, ela se mostrou muito triste e abatida. O Troll perguntou, então, qual era o problema.*

Filha mais nova: Ah, é porque não posso voltar para casa e para minha mãe. Ela está lá sozinha, quase sem nada para comer e beber.

Troll: Bem! Não posso deixar você sair para ver sua mãe, mas encha um saco com um pouco de carne e bebida, que eu levo para ela.

Narrador: *Muito agradecida, ela disse que faria isso. Contudo, colocou um monte de ouro e prata no fundo do saco (som de moedas caindo umas por cima das outras) e cobriu as moedas com um pouco de comida. A menina disse ao Troll que o saco estava pronto, mas que ele deveria prometer não bisbilhotar. Ele jurou que não olharia nada*

e partiu. A garota ficou espiando o Troll ir embora através de uma abertura no alçapão. Quando ele já estava mais afastado, pensou alto:

Troll: Esse saco está muito pesado! Vou ver o que tem dentro.

Filha mais nova: Tô de olho, viu? Tô de olho!

Troll: Mas que inferno! Você deve ter olhos de lince!

Narrador: *E não mais tentou olhar dentro do saco. Quando chegou à casa da viúva, ele jogou o saco pela porta da frente.*

Troll: Aqui está o que sua filha mandou trazer: comida e bebida. Pro seu governo, ela vai muito bem, obrigado.

Narrador: *Um belo dia, quando a garota já estava há muito tempo na montanha, um bode caiu no alçapão.*

Efeito sonoro: *Som de um copro caindo no chão, seguido do som de um bode.*

Troll: Quem te mandou aqui, sua besta barbuda?

Narrador: *De repente, pegou o bode e o atirou no porão.*

Filha mais nova: Oh! Por que você fez isso? Eu queria ter ficado com o bode pra gente brincar.

Troll: Tá bom! Eu posso ressuscitar o tal bode.

Narrador: *Dito isso, o Troll pegou um frasco pendurado na parede, aplicou um pouco do creme na cabeça do bode, que logo voltou a respirar.*

Filha mais nova: Ahá! Aquele frasco vai ser útil, com certeza.

Narrador: *Um dia em que o Troll tinha saído, a garota pegou a irmã mais velha, aplicou na cabeça dela um pouco da pomada do frasco, da mesma maneira que o Troll fizera com o bode. Num minuto, a menina voltou a respirar. A garota meteu a irmã num saco, colocou um pouco de comida por cima, e quando o Troll voltou para casa, ela pediu:*

Filha mais nova: Querido! Vá até minha mãe com mais este bocado de comida. Tenho certeza que ela está passando fome e sede. Além disso, está sozinha no mundo. Mas prometa não bisbilhotar.

Narrador: *O Troll então prometeu levar o saco, sem bisbilhotar. Mas assim que se afastou um pouco, achou que o saco estava muito pesado. Quando viu que já estava mais longe, pensou alto:*

Troll: Aconteça o que acontecer, eu vou olhar dentro deste saco. Por mais afiada que seja a visão dela, não vai conseguir me ver a esta distância.

Narrador: *Mas, quando ele estava prestes a abrir a encomenda, a garota de dentro do saco gritou:*

Filha mais velha: Tô de olho, viu? Tô de olho!

Troll: Mas que inferno! Mas você realmente deve ter olhos de lince!

Narrador: *O Troll achou que a voz vinha da namorada, lá da montanha. Ele não ousou espiar dentro do saco. Simplesmente, levou-o direto para a casa da viúva, o mais rápido que pôde, e, quando chegou na porta da frente, atirou o saco no chão e gritou:*

Troll: Aqui está o que sua filha mandou trazer: comida e bebida. Pro seu governo, ela vai muito bem, obrigado.

Narrador: *Após mais um tempo na montanha, a garota fez a mesma coisa com a irmã do meio. Aplicou um pouco da pomada do frasco, trouxe-a de volta à vida e a colocou dentro de um saco. Mas desta vez, encheu com o máximo de ouro e prata possível, cobrindo tudo com um pouco de comida.*

Efeito sonoro: *Som de moedas caindo umas por cima das outras.*

Filha mais nova: Querido, você precisa ir à casa da minha mãe, com mais um pouco de comida. Preste atenção: nada de bisbilhotar.

Narrador: *Querendo agradá-la, o Troll prometeu não olhar dentro do saco. Mas, depois de se afastar um pouco, começou a achar que o saco estava ficando cada vez mais pesado, tanto que, passado mais um tempo, mal se aguentava embaixo dele. Então, arriou a encomenda, e quando estava prestes a desamarrar o cordão para espiar, a garota de dentro do saco gritou:*

Filha do meio: Tô de olho, viu? Tô de olho!

Troll: Mas que inferno! Mas você realmente deve ter olhos de lince!

Narrador: *Desistiu de olhar dentro do saco e correu direto para a casa da mãe da garota. Lá chegando, jogou o saco pela porta da frente e berrou:*

Troll: Aqui está o que sua filha mandou trazer: comida e bebida. Pro seu governo, ela vai muito bem, obrigado.

Narrador: *Depois de ficar mais um bom tempo na montanha, quando o Troll decidiu passar o dia fora, a garota fingiu estar doente. Gemia e se queixava.*

Filha mais nova: Olha, não precisa voltar antes da meia-noite. Eu não vou conseguir preparar o jantar antes disso. Estou muito doente!

Narrador: *Assim que o Troll saiu de casa, ela fez uma boneca enfiando palha dentro de algumas roupas. Colocou-a no canto ao lado da chaminé, com uma vassoura para que o Troll pensasse que era ela. Depois fugiu e arranjou um atirador para ficar de espreita na casa de sua mãe. Quando o relógio marcou mais ou menos meia-noite, (som de relógio badalando) o Troll chegou em casa e a primeira coisa que disse para a boneca de palha foi:*

Troll: Anda! Traga a comida!

Narrador: *Mas ela não respondeu.*

Troll: Tô mandando! Traga a comida! Tô morrendo de fome!

Narrador: *Mas ela não dizia uma palavra.*

Troll: Tô com fome! Acho melhor você prestar atenção, senão vou fazer você entender na marra. Olha que vou mesmo!

Narrador: *Mas a garota nem se abalou. Ele então se encheu de fúria e lhe deu um bofetão tão violento na cabeça, (som de golpe desferido contra algo macio) que a palha voou longe por toda a sala. Quando percebeu que havia sido enganado, (urro) o Troll começou a procurar a garota por toda parte.*

Ao chegar ao porão e ver que as duas irmãs haviam sumido, logo se deu conta do que acontecera, e correu para a casa da viúva.

Troll: *Ela vai me pagar por isso!*

Narrador: *Mas, ao chegar lá, o atirador disparou.*

Efeito sonoro: *Som de tiro sendo disparado.*

Narrador: *O Troll não ousou entrar na casa porque achou que o tiro fosse um trovão. Correu, então, de volta para casa, o mais rápido que pôde, mas assim que alcançou o alçapão, caiu um raio em cima dele e o explodiu.*

Efeito sonoro: *Som de explosão.*

Narrador: *Ah, se você soubesse onde fica o alçapão... Ainda existe tanto ouro e tanta prata escondidos lá!*

Sobre o que escrever?

Tradução do conto *Something to write about*

De Hans Christian Andersen

Tradução e roteiro

Raquel Borges Dias

Revisão

Sílvia Maria Guerra Anastácio

Personagens

Narrador, Jovem, Mulher sábia,
Batata, Arbustos

Local

Chalé, Floresta

Sobre o que escrever?

Narrador: *Era uma vez um homem que estava estudando para ser escritor. Ele queria se tornar um escritor até a Páscoa para poder casar e viver apenas de escrever. Mas, para isso, sabia que só precisava encontrar um bom assunto para escrever; o problema é que não lhe ocorria nada. Ele tinha nascido muito tarde; todas as ideias boas já tinham sido usadas antes dele vir ao mundo, tudo já tinha sido pensado e escrito.*

Jovem: Criaturas de sorte essas que nasceram há mil anos, antes de mim! Elas podiam se tornar imortais, com muita facilidade. Até mesmo os que nasceram há cem anos tiveram sorte porque sempre tinham assunto bastante para escrever. Agora, tudo já foi escrito no mundo – o que ainda resta para eu escrever?

Narrador: *Pobre homem, pensou tanto, tanto e tanto, que até caiu doente. Nenhum médico podia ajudá-lo, mas talvez aquela mulher sábia pudesse. Ela morava no chalé, ao lado da porteira, que ia dar nos campos e que ela abria para as pessoas que vinham até ali, de carro ou a cavalo. E ela conduzia as pessoas até muito além da porteira; era mais sábia do que o médico, aquele que gostava de andar em sua carruagem e tinha que pagar altas taxas para permanecer naquele posto que ele ocupava na cidade.*

Jovem: Tenho que ir vê-la.

Narrador: *A casa em que ela morava era um chalé pequeno, mas muito, muito lindo, embora os arredores fossem sem graça, sem nenhuma árvore, nenhuma flor. Perto da porta da casa, havia uma colmeia, que lhe era muito útil, e uma pequena plantação de batatas, também muito útil.*

Havia, ainda, uma vala com um arbusto cheio de espinhos bem afiados e que dava flores brancas, mas já tinha parado de florir; agora só produzia frutinhas bem amargas, que se podia provar antes da geada acabar. Enquanto olhava o arbusto, o jovem pensava:

Jovem: Aqui está um quadro vivo dessa época nada poética em que vivemos.

Narrador: *Foi um pensamento que lhe ocorreu, como uma pepita de ouro, com a qual se deparou ao chegar na porta da casa da mulher sábia.*

Mulher sábia: Escreva isso! Mais vale um pássaro na mão do que dois voando. Eu sei porque você veio até aqui. Não consegue encontrar nenhum assunto para escrever, e ainda assim, quer se tornar escritor até a Páscoa.

Jovem: Tudo já foi escrito. Nossos tempos não são como os velhos tempos.

Mulher sábia: Não mesmo! Nos velhos tempos, as mulheres sábias eram queimadas e os poetas andavam com o estômago vazio e de roupas rasgadas. Os tempos em que vivemos são bons tempos, os melhores de todos.

Mas você não está olhando para as coisas do jeito certo. Acho que você não reza à noite, ou se reza, ainda não parou para ouvir. Ainda tem tanto tipo de coisa, hoje em dia, sobre o que você pode escrever: poemas, contos, é só ter talento. Pode encontrar inspiração nas plantas e nas colheitas, nos riachos

que correm e nas poças que ficam paradas; mas, para isso, você tem que descobrir o significado das coisas, saber tocar num raio de sol.

Agora experimente meus óculos, coloque minha corneta acústica no seu ouvido, depois faça uma prece a Deus e pare de pensar só em você mesmo.

Narrador: *O último pedido, é claro, era muito difícil, mais do que aquela mulher sábia pensava. Ele pegou os óculos, a corneta, e a mulher o levou até o meio da plantação de batatas e lhe deu uma batata bem grande. Dela começaram a sair alguns sons.*

Efeito sonoro: *Som da batata, ao longe, como que cantarolando uma música.*

Narrador: *Ouviu-se uma música, com letra e tudo, que contava uma história interessante sobre as batatas – uma história em dez partes; apesar de que dez linhas já seriam suficientes para contar toda a história... Sobre o que era a música que a batata cantou?*

Efeito sonoro: *Continua-se a ouvir o som da Batata, ao longe, cantarolando.*

Narrador: *Sobre sua família, sobre a vinda das batatas para a Europa, sobre a falta de compreen-*

são que elas encontraram e também tiveram de suportar antes de serem reconhecidas, como agora, que valiam mais do que uma pepita de ouro.

Batata: *(cantando)* Por decreto real, fomos distribuídas pelas prefeituras de todas as cidades. Fizemos uma proclamação sobre nossa importância, mas ninguém acreditava; nem sabiam nos plantar.

Cavamos um buraco, então, e plantamos batatas aos montes; quisemos nos pôr no chão, pra nascermos em belas árvores. E, de fato, surgiram flores e frutas suculentas, mas logo tudo murchou e ninguém acreditou.

Ninguém parou para pensar que debaixo da terra era um lugar ideal para uma batata brotar. Passamos por provas e por dificuldades – nós e nossos ancestrais temos muito para contar. E quantas histórias poderíamos contar!

Mulher sábia: Bem, já basta por agora. Agora, dê uma olhada naqueles arbustos cheios de espinhos.

Efeito sonoro: *Som de vento em arbustos.*

Mulher sábia: Ouça o que eles dizem.

Arbustos: Nós, os arbustos, também, somos muito ligados à terra natal das batatas, um pouco mais

ao norte de onde elas vieram. Os homens do norte vieram da noruega, indo para o oeste, enfrentando neblina e muitos vendavais a caminho de uma terra desconhecida.

Lá, além do gelo e da neve, encontraram plantas, vegetais e arbustos carregados de uvas azul escuras – os arbustos cheios de espinhos; então, as uvas amadureceram com a geada, assim como nós.

Jovem: É uma linda história.

Mulher sábia: É mesmo. Bem, agora venha comigo.

Narrador: *Ela então o levou até a colmeia. E ele deu uma olhada lá dentro da colmeia.*

Efeito sonoro: *Som de abelhas zunindo.*

Narrador: *Que animação e alvoroço! Abelhas por toda a parte, batendo asas até levantar uma corrente de ar gostosa, por toda a fábrica – esse era o trabalho delas. Vinham abelhas do lado de fora, as que tinham nascido com cestas nas pernas para carregar o pólen das flores; quando sacudiam as pernas, brotava delas o pólen, que se transformava em mel ou cera.*

Elas voavam para dentro e para fora da colmeia. A abelha rainha também queria voar, mas se ela

saísse, todos teriam que vir junto com ela, e ainda não era a época certa. Mas mesmo assim, ela queria voar; então, arrancaram as asas de sua majestade, e ela teve que ficar onde estava.

Mulher sábia: Agora, vá até a beira do precipício. Venha e dê uma olhada na estrada, de onde se pode ver muita gente.

Efeito sonoro: *Som de muitas vozes ao longe.*

Jovem: *(alto)* Quanta gente! Uma história atrás da outra! Que murmúrio e que zumbido! Isso é demais para mim! Eu tenho que voltar!

Efeito sonoro: *Fim das vozes.*

Mulher sábia: Não, você tem que continuar. Vá e misture-se à multidão, dê uma olhada nas pessoas, ouça o que elas têm a dizer e abra o seu coração. Aí, você vai encontrar bastante assunto para escrever. Mas antes de ir, me devolva os óculos e minha corneta.

Narrador: *E a mulher sábia tomou dele os óculos e a corneta.*

Jovem: Agora eu não consigo ver nada e também não consigo ouvir nada.

Mulher sábia: Muito bem. Você não pode se tornar um escritor até a Páscoa.

Jovem: Não? E quando é que eu vou poder?

Mulher sábia: Nem na Páscoa, nem em Pentecostes, que é bem depois. Você nunca vai aprender, nunca vai encontrar nada sobre o que escrever.

Jovem: Mas o que é que eu tenho que fazer para viver de escrever?

Efeito sonoro: *Música de suspense.*

Mulher sábia: *(em tom malévolo)* Você pode conseguir antes da quarta-feira de cinzas... Vá atrás dos poetas! Critique o que eles escrevem e será como se os estivesse matando... Não tenha vergonha; ataque-os com coragem e, dessa forma, você ganhará o suficiente para sustentar a si mesmo e a sua esposa.

Jovem: *(gritando)* Sim, tem alguma coisa que eu posso fazer!

Narrador: *E ele passou a criticar todos os outros poetas, já que não conseguira tornar-se um poeta. É... A mulher sábia sabe tudo; ela sabe sobre o que escrever.*

Ficha Técnica:

O linho, O porcofrinho, O pião e a bola, Peter Coelho, A história de dois
ratinhos travessos, O gigante egoísta, Askeladden e o Troll que comeu demais,
Em busca da galinha perdida, Sobre o que escrever?

Docentes:

Elizabeth Santos Ramos (Letras, UFBA)
Gideon Alves Rosa (Escola de Teatro, UFBA)
Jael Glauce da Fonseca (Letras, UFBA)
José Newton de Seixas Pereira Filho (Letras, UFBA)
Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva (Letras, UFBA)
Marlene Holzhausen (Letras, UFBA)
Ramon Reverendo Santos (Escola de Teatro, UFBA)
Sílvia Maria Guerra Anastácio (Letras, UFBA)

Pesquisadores e atores:

Adalton Santos da Silva
Alana Verena Matos Silva
Ana Lopes
Ana Mariano
Andréa Lorena Macedo Machado
Anna Carolina de Alencar
Antonio Deodato Marques Leão
Bruna Scavuzzi Magno Baptista
Bruno de Almeida
Caroline Alves Matos da Silva
Cristiano Santos
Daniel Calibam
Davi de Almeida Pereira Filho
Diandra Sousa Santos
Elmir Mateus Pereira de Almeida Silva
Fernanda Correia Silva Rochinski
Fernanda Pinheiro Pedrecal
Flávio Azevêdo Ferrari
Francisco Vilares Pinheiro
Heraldo de Deus Borges
Jeferson Santos do Socorro
Juceilton da Paixão Dantas
Juma Almeida Brito
Leandro Pessoa Dantas da Silva
Leonardo da Hora Cruz
Lilian Rau
Lívia Bramont
Louise Conceição Pereira Tanajura
Luana Lise Carmo da Solidade
Luana Matos Teixeira de Almeida Rockenbach da Silva

Luciano Jocy Teixeira de Araújo
Luciano Munduruca Tayrovitch
Lucas Lacerda Góes
Lucila Vieira
Márcia Lima Gomes
Marcos Antonio dos Santos
Maria Eunice Bahia
Mariana Borges Matos Sousa
Mario Fausto de Oliveira Neto
Mateus Cezzar
Millena de Paula Figueredo
Monique Bastos de Meirelles
Nicholas de Oliveira Ponso
Patricia Freitas
Rafael Dourado Gama
Rafaela Bisinotto Gomes
Raquel Borges Dias
Ruy Titto Ninck Carteadado Filho
Sandra Cristina Souza Correa
Saryne Rhayane Aquino da Cruz
Stanley Machado da Silveira Serravalle
Tássio Barreto Braga
Vera Santos Pessoa
Wendel Chaves de Jesus
Zeza Barral

Revisão de roteiro

Isadora Dimitria Herrera Nunes, Juceilton da Paixão Dantas,
Nicholas de Oliveira Ponso, Raquel Borges Dias,
Saryne Rhayane Aquino da Cruz,
Stanley Machado da Silveira Serravalle, Susie Santos

Direção de atores

Sílvia Maria Guerra Anastácio, Marlene Holzhausen,
Ramon Reverendo Santos, Anna Carolina de Alencar, Lucila Vieira

Técnicos de gravação

André Tiganá, Flávio Azevêdo Ferrari, Leandro Pessoa Dantas da Silva,
Luciano Jocy Teixeira de Araújo, Mario Fausto de Oliveira Neto, Richard
Meyer e Tássio Barreto Braga

Gravação no Estúdio PRO.SOM, Instituto de Letras da Universidade Federal
da Bahia

Edição final do áudio
André Tiganá, Fernanda Sgroglia

Revisão de roteiro
Paulo Trocoli

Versão em MECDaisy
Raquel Borges Dias

COLOFÃO

| | |
|-------------------|---|
| Formato | <i>14 x 21 cm</i> |
| Tipologia | <i>Georgia 12/18</i> |
| Papel | <i>Reciclato 75 g/m² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m² (capa)</i> |
| Impressão | <i>EDUFBA</i> |
| Capa e Acabamento | <i>Gráfica Cian</i> |
| Tiragem | <i>400 exemplares</i> |

Desenbahia 
Agência de Fomento do
Estado da Bahia S.A.

